

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015, Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© 2015 by Jane Hawking

Título original: *Travelling to Infinity – My Life with Stephen*
Título: *Viagem ao Infinito – A Extraordinária História de Jane e Stephen Hawking*
Autora: Jane Wilde Hawking
Tradução: Francisco Silva Pereira
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Arranjo de capa: Bruno Rodrigues/Marcador
Fotografia de contracapa reproduzida por cortesia da autora
Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-127-8
Depósito legal: 385561/14

1.ª edição: janeiro de 2015

*La parole humaine est comme un
chaudron fêlé où nous battons des
mélodies à faire danser les ours
quand on voudrait attendrir les étoiles.*

Gustave Flaubert

A palavra humana é como um
caldeirão fendido no qual batemos
melodias para fazer dançar os ursos,
quando o pretendido seria comover as estrelas.

Gustave Flaubert

PRIMEIRA PARTE

1

ASAS PARA VOAR

A história da minha vida com o Stephen remonta ao verão de 1962, ainda que, possivelmente, tivesse começado cerca de dez anos antes sem que eu me apercebesse. Quando entrei aos sete anos para a St Albans High School for Girls, no início da década de 1950, houve durante pouco tempo um rapaz de cabelo dourado e despenteado que costumava sentar-se junto à parede na sala ao lado da minha. A escola aceitava rapazes, incluindo o meu irmão Christopher, mas eu só via o rapaz do cabelo despenteado nas ocasiões em que, na ausência do nosso professor, nós – alunos da primeira classe – éramos arrumados na mesma sala com os mais velhos. Nunca falámos um com o outro, mas estou certa de que esta primeira memória é de confiança, porque o Stephen frequentou a escola naquela altura durante um período, antes de ir para uma escola primária a alguns quilómetros dali.

As irmãs dele eram mais fáceis de identificar, uma vez que estiveram mais tempo na minha escola. A Mary, com apenas menos dezassete meses do que o Stephen e a mais velha das duas raparigas, era uma figura marcadamente excêntrica: anafada, sempre desleixada, distraída, dada a ocupações solitárias. O seu grande trunfo, uma pele translúcida, era desfeito por óculos de aros grossos e que a favoreciam pouco. A Philippa, cinco anos mais nova do que o Stephen, tinha olhos vivos, era nervosa e facilmente excitável, com um par de tranças loiras curtas e cara redonda e rosada. A escola era muito exigente em termos académicos e disciplinares, e os alunos, como em qualquer escola, podiam ser de uma intolerância cruel perante a individualidade. Caía muito bem ter um *Rolls-Royce* e uma casa no campo, mas se, como eu, o nosso meio de transporte fosse um *Standard 10* anterior à guerra – ou ainda pior, como acontecia com os Hawking, um antigo táxi londrino –, éramos objeto de troça ou de um desprezo piedoso. Os Hawking tinham por hábito deitar-se no

chão do táxi da família para que os outros alunos não os vissem. Infelizmente, não havia espaço suficiente no fundo do *Standard 10* para essas manobras evasivas. As duas raparigas Hawking deixaram a escola antes de chegarem ao ensino secundário.

A mãe delas há muito que era uma figura conhecida. Magra e pequena, costumava estar com o seu casaco de peles junto à passadeira de peões perto da minha escola, à espera que o filho mais novo, Edward, chegasse de autocarro vindo da escola secundária. O meu irmão frequentou o mesmo estabelecimento depois de um ano na pré-primária da St Albans High School: a escola chamava-se Aylesford House e os uniformes dos rapazes eram cor-de-rosa – casacos cor-de-rosa e bonés cor-de-rosa. Em todos os outros aspetos, tratava-se de um paraíso para os mais pequenos, especialmente para aqueles sem grandes inclinações académicas. Jogos, escoteiros, acampamentos e espetáculos, nos quais o meu pai muitas vezes tocava piano, pareciam ser as atividades principais. Encantador e muito bonito, o Edward, então com oito anos, sentia algumas dificuldades de relacionamento com a sua família adotiva quando os conheci – talvez devido ao hábito que eles tinham de levar as suas leituras para a mesa das refeições e ignorar todos os que não fossem ratos de biblioteca.

Uma amiga minha da escola, Diana King, já tivera contacto com esse peculiar hábito dos Hawking – razão pela qual, anos mais tarde, ao saber do meu noivado com o Stephen, exclamou: «Oh, Jane! Vais entrar para uma família de doidos varridos!» Foi a Diana quem primeiro me chamou a atenção para o Stephen naquele verão de 1962, quando, depois dos exames, ela, a minha melhor amiga Gillian e eu gozávamos um período de semiociosidade antes do final do período. Graças ao cargo do meu pai como funcionário público, eu já tinha feito algumas incursões no mundo dos adultos para além da escola, dos trabalhos de casa e dos exames: um jantar na Câmara dos Comuns e, num quente dia de sol, uma *garden party* em Buckingham Palace. A Diana e a Gillian iam deixar a escola nesse verão, enquanto eu tinha de ficar como *head girl*¹ até ao período de outono, altura em que me candidataria à universidade. Naquela tarde de sexta-feira, fomos buscar as nossas pastas e, de chapéu de palha na cabeça, decidimos ir beber um chá à cidade. Mal tínhamos percorrido cem metros quando uma estranha visão nos chamou a atenção no outro lado da estrada: avançando na direção oposta à nossa, seguia um rapaz com andar desajeitado, cabeça baixa, o rosto ocultado do mundo por uma cabeleira castanha e desgrenhada. Absorto nos seus pensamentos, não olhava nem para a esquerda nem para a direita, ignorando o

¹ No sistema educativo britânico, uma *head girl* é uma das alunas mais velhas, eleita como representante dos alunos da escola em ocasiões oficiais. (*N. do T.*)

grupo de raparigas no lado oposto da estrada. Era um fenómeno excêntrico para a certinha e sonolenta St Albans. A Gillian e eu ficámos embaçadas a olhar, mas a Diana manteve-se impassível.

«É o Stephen Hawking. Por acaso, já saí com ele», anunciou às suas companheiras emudecidas.

«Não! Não saíste, nada!», dissemos nós a rir.

«Saí, sim. Ele é estranho mas muito inteligente, é amigo do Basil [irmão dela]. Levou-me ao teatro uma vez, e já estive em sua casa. Ele participa em desfiles contra a bomba.»

De sobranceiras arqueadas, seguimos para a cidade, mas não me diverti porque, sem saber porquê, aquele rapaz deixara-me apreensiva. Talvez algo naquela excentricidade me fascinasse, na minha existência bastante convencional. Talvez tivesse uma estranha premonição de que iria voltar a vê-lo. Fosse o que fosse, aquela cena ficou profundamente gravada na minha mente.

As férias naquele verão foram um sonho para uma adolescente prestes a tornar-se independente, ainda que talvez tenham sido um pesadelo para os pais dela, uma vez que em 1962 o meu destino, um curso de verão em Espanha, era tão remoto, misterioso e repleto de perigos como, digamos, o Nepal seria hoje em dia. Com toda a confiança dos meus dezoito anos, tinha a certeza de que sabia cuidar de mim, e era verdade. O curso estava bem organizado e os estudantes ficavam alojados em grupos em casas particulares. Aos fins de semana tínhamos visitas guiadas – Pamplona, onde os touros correm pela rua, a única tourada a que assisti, brutal e selvagem, mas igualmente espetacular e fascinante, e Loyola, cidade natal de Santo Inácio, o autor de uma oração que, devido à sua constante repetição, ficara gravada em todos os alunos da St Albans High School:

*Ensinai-nos, Senhor,
a servir-Vos como Vós mereceis,
a dar e não contar o custo...*

Fora isso, passávamos as tardes na praia e os serões junto ao porto, em restaurantes e bares, nas *fiestas* e nos bailes, a ouvir as bandas estridentes e a ver os fogos de artifício. Não demorei a fazer novos amigos fora do ambiente limitado de St Albans, especialmente entre os outros adolescentes do curso, e, com eles, na gloriosa e exótica atmosfera de Espanha, tive a minha primeira experiência de independência adulta longe de casa, da família e da estupidificante disciplina escolar.

Quando voltei a Inglaterra, fui arrastada quase de imediato pelos meus pais, que, aliviados por me verem de volta sã e salva, tinham organizado umas

férias familiares nos Países Baixos e no Luxemburgo. Foi mais uma experiência enriquecedora, umas daquelas férias em que o meu pai era especialista e que ele já preparava havia anos – desde a minha primeira viagem à Bretanha quando tinha dez anos. Graças ao entusiasmo do meu pai, demos por nós na vanguarda do movimento turístico, percorrendo centenas de quilómetros por sinuosas estradas rurais por toda uma Europa que despertava do trauma da guerra, visitando cidades, catedrais e museus de arte que os meus pais também descobriam pela primeira vez. Era uma combinação tipicamente inspirada de educação, através da arte e da história, e de fruição das coisas boas da vida – vinho, comida e sol de verão –, tudo intercalado com os monumentos e os cemitérios de guerra dos campos da Flandres.

No regresso à escola naquele outono, as experiências do verão proporcionaram-me uma sensação de autoconfiança que nunca conhecera. Ao sair da minha crisálida, a escola dava-me apenas um pálido reflexo da consciência e autossuficiência que eu adquirira graças às minhas viagens. Seguindo o exemplo das novas formas de sátira que então surgiam na televisão, eu, a *head girl*, organizei uma passagem de moda para o sexto ano, com a diferença de que tudo era feito com peças do nosso uniforme sujeitas a bizarras adaptações. A disciplina cedeu quando toda a escola se juntou nas escadas para tentar entrar no salão, e Miss Meiklejohn (mais conhecida como Mick), a entroncada e curtida professora de desporto de cuja voz assustadoramente masculina dependia o bom funcionamento da escola, deu por si à beira de uma apoplexia, incapaz de se fazer ouvir na confusão. Desesperada, recorreu ao megafone – que geralmente apenas aparecia no Dia do Desporto, no concurso de animais de estimação, e para controlar os intermináveis cortejos que tínhamos de formar quando marchávamos por todas as pequenas ruas possíveis e imaginárias de St Albans para o serviço religioso que, uma vez em cada período, se realizava na Abadia.

Aquele período longínquo no outono de 1962 não deveria ter sido dedicado à organização de espetáculos. Devia, sim, ter sido consagrado à minha entrada na universidade. Infelizmente, não seria um sucesso em termos académicos. Por muito que adulássemos o presidente Kennedy, a crise dos mísseis cubanos abalara demasiado a noção de segurança da minha geração e comprometera a nossa esperança no futuro. Com as superpotências envolvidas em jogos tão perigosos, não era certo que viéssemos a ter um futuro pelo qual esperar. Enquanto rezávamos pela paz na assembleia escolar, sob a direção do reitor, recordei-me da previsão do marechal de campo Montgomery no final da década de 1950, segundo a qual teríamos uma guerra nuclear dentro de uma década. Todos, novos e velhos, sabíamos que após o aviso apenas teríamos quatro minutos antes do ataque nuclear, que ditaria o

fim abrupto de toda a civilização. O comentário da minha mãe, calmamente filosófica e sensata como sempre, perante a perspectiva de uma terceira guerra mundial enquanto ainda fosse viva, era que preferia ser apagada com tudo e todos a ter de suportar a agonia de ver o marido e o filho recrutados para uma guerra da qual nunca regressariam.

Distante da grande ameaça que pendia a nível internacional, sentia que me esgotara com os exames, faltando-me o entusiasmo para o trabalho escolar depois de ter saboreado a liberdade durante o verão. A questão séria que era a entrada na universidade apenas resultou em frustração quando nem Oxford nem Cambridge mostraram qualquer interesse por mim, uma situação ainda mais dolorosa porque, desde os meus seis anos, o meu pai alimentava a esperança de que eu entrasse em Cambridge. Consciente da minha noção de fracasso, Miss Gent, a diretora da escola, deu-se simpaticamente ao trabalho de referir que não era vergonha nenhuma não entrar em Cambridge, uma vez que muitos dos homens daquela universidade eram bastante inferiores às mulheres recusadas por falta de vagas. Naquele tempo, a proporção era de, aproximadamente, dez homens para cada mulher em Oxford e Cambridge. Ela recomendou-me que fosse a uma entrevista na Westfield College, em Londres, uma universidade feminina que seguia o modelo girtoniano², situada em Hampstead, a alguma distância do resto da universidade. Como tal, num frio e chuvoso dia de inverno, apanhei o autocarro que fazia os vinte e cinco quilómetros entre St Albans e Hampstead.

Aquele dia revelou-se um tal desastre que foi com alívio que dei por mim no autocarro de regresso, percorrendo entre neve e granizo o mesmo trajeto desolador que fizera antes. Depois de um exercício desconfortável no Departamento de Espanhol – uma entrevista que parecia girar em volta de T. S. Eliot, sobre o qual eu não sabia praticamente nada –, fui enviada para a fila formada à porta do gabinete da diretora. Quando chamaram pelo meu nome, ela mais parecia uma funcionária pública durante a entrevista, mal tirando os olhos dos papéis que tinha à frente. Bastante contrariada com o fiasco da entrevista anterior, decidi que seria melhor fazer com que desse por mim, mesmo que tal implicasse acabar com as minhas hipóteses. Assim sendo, quando me perguntou, num tom seco e enfadado: «E porque escreveu espanhol em vez de francês como língua principal?», respondi-lhe, num tom igualmente seco e enfadado: «Porque a Espanha é mais quente do que a França.» Ela deixou cair as folhas que tinha nas mãos e olhou para mim.

Para meu espanto, ofereceram-me um lugar em Westfield, mas no Natal daquele ano grande parte do otimismo e do entusiasmo que eu descobrira

² Referência à Girton College da Universidade de Cambridge, instituição pioneira no ensino superior feminino. (*N. do T.*)

em Espanha já se tinha evaporado. Quando a Diana me convidou para uma festa de Ano Novo que ela ia dar com o irmão no primeiro de janeiro de 1963, resolvi aparecer, com uma indumentária de um tecido sedoso verde-escuro – sintético, obviamente – e o cabelo apanhado atrás numa banana extravagante, mas sentindo-me tímida e pouco segura. E ali num canto, encostado a uma parede e de costas para a luz, a gesticular com dedos longos enquanto falava – o cabelo a cair-lhe sobre os óculos e a cara –, com um casaco de veludo preto e laço de veludo vermelho, encontrava-se Stephen Hawking, o rapaz que eu vira na rua no verão.

Afastado dos restantes grupos, ele conversava com um amigo de Oxford, explicava que começara a sua investigação de cosmologia em Cambridge – não, como ele esperava, sob os auspícios de Fred Hoyle, o popular cientista televisivo, mas com alguém com o estranho nome de Dennis Sciama. A princípio, Stephen pensara que o nome do seu desconhecido supervisor era *Squiama*, mas ao chegar a Cambridge descobrira que a pronúncia correta era *Cháma*. Confessou também que ficara a saber com algum alívio, no verão anterior – quando eu fazia os meus exames –, que tinha obtido uma licenciatura com honras de primeiro grau em Oxford. Fora o feliz resultado de um exame oral, conduzido pelos perplexos examinadores para decidir se o candidato singularmente inepto cujos trabalhos revelavam igualmente lampejos de brilhantismo deveria receber honras de primeiro ou de segundo grau, ou apenas uma simples passagem, esta última equivalente a um fracasso. Despreocupado, ele dissera aos examinadores que, se lhe dessem as honras de primeiro grau, seguiria para Cambridge, para fazer um doutoramento, dando-lhes assim a oportunidade de introduzir um cavalo de Troia entre os rivais, mas se lhe dessem honras de segundo (que também lhe permitiria continuar com as investigações), ficaria em Oxford. Os examinadores haviam jogado pelo seguro, dando-lhe honras de primeiro grau.

Depois, Stephen explicou aos seus dois ouvintes, o amigo de Oxford e eu, como também jogara pelo seguro, apercebendo-se de que seria extremamente improvável obter honras de primeiro grau em Oxford com o pouco trabalho que tinha feito. Nunca fora a uma palestra – não ficava bem ser apanhado a trabalhar quando os amigos apareciam para uma visita – e a lendária história segundo a qual rasgara um trabalho, atirando-o depois para o cesto dos papéis do orientador, era verdadeira. Com receio de ter poucas hipóteses na vida académica, candidatara-se à função pública e passara nas primeiras fases de seleção durante um fim de semana no campo; como tal, estava preparado para os respetivos exames finais. Certa manhã, acordara tarde com a sensação desagradável de que devia estar a fazer qualquer coisa para além da sua ocupação habitual: ouvir a gravação completa do *Ciclo do Anel*. Como

não tinha uma agenda e confiava na memória para tudo, só soube o que devia fazer algumas horas depois, quando se lembrou de que aquele era o dia dos exames para a função pública.

Eu ouvia-o com um fascínio divertido, atraída por aquela personagem invulgar graças ao seu sentido de humor e personalidade independente. As histórias eram interessantes, especialmente devido aos soluços quando ele se ria, quase até sufocar, das piadas que contava, muitas a respeito dele próprio. Sem dúvida, estava ali alguém que, como eu, tinha tendência para seguir pela vida aos tropeções, mas conseguia ver o lado divertido das coisas. Alguém que, como eu, era bastante tímido, mas não avesso a exprimir as suas opiniões; alguém que, ao contrário de mim, desenvolvera uma noção do seu próprio valor e tinha o desprazer para a partilhar. Com a aproximação do final da festa, trocámos nomes e moradas, mas eu não esperava voltar a vê-lo, a não ser casualmente, de passagem. O cabelo despenteado e o laço eram uma fachada, uma declaração de independência de espírito, e de futuro eu poderia ignorá-los, como a Diana o fizera, em lugar de ficar embasbacada, se voltasse a encontrá-lo na rua.

EM PALCO

Apenas alguns dias depois, recebi um cartão do Stephen a convidar-me para uma festa a 8 de janeiro. Estava escrito numa bonita caligrafia redonda que eu invejava, mas, não obstante laboriosos esforços, nunca conseguira dominar. Falei com a Diana, que também tinha recebido um convite. Ela disse-me que a festa era do vigésimo primeiro aniversário dele – informação omitida no convite – e prometeu dar-me boleia. Era difícil escolher um presente para alguém que eu acabara de conhecer e, como tal, levei um cheque-disco.

A casa na Hillside Road, em St Albans, era um monumento à parcimónia e à economia. Não que isso fosse invulgar naquela altura, uma vez que no pós-guerra todos éramos ensinados a tratar o dinheiro com respeito, a procurar pechinchas e a evitar o desperdício. Construído nos primeiros anos do século XX, o n.º 14 de Hillside Road, uma grande casa de tijolo vermelho com três andares, tinha um certo charme, uma vez que se encontrava no seu estado original, sem a interferência de tendências modernizantes, tais como o aquecimento central e as alcatifas. A natureza, os elementos e uma família de quatro filhos tinham deixado as suas marcas na fachada desleixada que se ocultava por trás de uma sebe rebelde. As glicínias pendiam sobre um decrépito alpendre envidraçado, e a maioria dos vidros coloridos dos painéis superiores da porta da entrada já desaparecera. Ainda que não tivesse uma resposta imediata ao tocar à campainha, a porta foi aberta pela mesma pessoa que costumava estar à espera junto à passadeira de peões. Foi-me apresentada como Isobel Hawking, a mãe do Stephen. Estava acompanhada por um rapazinho encantador com cabelo escuro e encaracolado, e olhos azuis. Atrás deles, uma lâmpada iluminava um longo átrio com um chão de mosaicos amarelos, mobílias pesadas – incluindo um

relógio de pêndulo – e o papel de parede William Morris original, entretanto escurecido.

À medida que os diferentes membros da família iam aparecendo à porta da sala de estar para cumprimentar os recém-chegados, descobri que os conhecia a todos: a mãe do Stephen era sobejamente conhecida devido às suas vigílias junto à passadeira; o irmão mais novo, Edward, era o rapazinho do boné cor-de-rosa; as irmãs, Mary e Philippa, eram conhecidas da escola, e o pai, Frank Hawking, alto, distinto, de cabelo branco, fora em tempos buscar um enxame de abelhas ao nosso quintal. Eu e o meu irmão Chris tínhamos querido assistir, mas, para nossa desilusão, ele enxotara-nos com uma brusquidão séria. Além de ser o único apicultor da cidade, Frank Hawking também devia ser uma das poucas pessoas com um par de esquis em St Albans. No inverno, descia a colina a esquiar e passava pela nossa casa a caminho do campo de golfe, onde costumávamos fazer piqueniques e apanhar campainhas na primavera e no verão, e onde usávamos tabuleiros de estanho para fazer corridas na neve durante o inverno. Era como montar as peças de um *puzzle*: individualmente, eu conhecia todas aquelas pessoas, mas nunca me apercebera de que eram parentes. De facto, ainda havia outro membro da família que eu reconhecera: vivia num quarto à parte no sótão, mas descia em ocasiões como aquela. Agnes Walker, a avó escocesa do Stephen, era uma figura bem conhecida em St Albans por mérito próprio devido à sua habilidade como pianista, que ela exibia em público uma vez por mês quando unia forças na Câmara Municipal com Molly Du Cane, a nossa muito animada especialista em danças populares.

A dança e o ténis tinham sido quase as minhas únicas atividades sociais durante a adolescência. Através deles, formara um grupo de amigos de ambos os sexos, de diversas escolas e estratos sociais. Fora da escola, íamos juntos para todo o lado – café aos sábados de manhã, ténis ao fim da tarde e eventos no clube de ténis durante o verão, aulas de danças de salão e tradicionais no inverno. O facto de as nossas mães também frequentarem as aulas de danças tradicionais, junto com uma grande parte da população idosa e adoentada de St Albans, não nos incomodava de todo. Mantínhamo-nos à parte e dançávamos nos nossos grupos, bem afastados dos mais velhos. Os romances surgiam ocasionalmente no nosso canto, dando origem a muitos mexericos e alguns desentendimentos, e depois extinguíam-se tão depressa como surgiam. Éramos um grupo de adolescentes descontraídos e amistosos, com uma vida mais simples do que os atuais, e o ambiente nos bailes era leve e saudável, inspirado pelo entusiasmo contagioso que Molly Du Cane nutria pela sua enérgica arte. Com a rabeça ao ombro, coordenava as danças com autoridade, enquanto a avó do Stephen, uma figura corpulenta

e ereta sentada ao piano de cauda, aplicava os seus dedos com destreza nas teclas, nunca permitindo que a sua franja de canudos ficasse descomposta. Uma personagem solene, voltava-se para observar os dançarinos com um olhar curiosamente impassível. Era óbvio que tinha descido à sala para cumprimentar os convidados na festa do vigésimo primeiro aniversário do Stephen.

A festa era um misto de conhecidos e de parentes. Alguns vinham dos tempos do Stephen em Oxford, mas a maioria frequentara a St Albans School ao mesmo tempo que ele, tendo contribuído para o sucesso daquela escola nos exames de entrada em Oxbridge no ano de 1959. Com dezassete anos, o Stephen era mais novo do que o seu grupo de amigos na escola e, consequentemente, o mesmo se aplicava à entrada na universidade naquele outono, sobretudo porque a maioria dos colegas não era apenas um ano mais velha, mas vários, porque todos tinham chegado a Oxford depois de cumprir o Serviço Nacional, que entretanto fora abolido. Mais tarde, o Stephen haveria de admitir que não aproveitara Oxford tanto quanto poderia, devido à diferença de idade entre ele e os colegas.

Sem dúvida que tinha relações mais próximas com os seus amigos da escola do que com os que conhecera em Oxford. À exceção do Basil King, irmão da Diana, eu apenas os conhecia pela sua reputação, a nova elite da sociedade de St Albans. Dizia-se que eram os aventureiros intelectuais da nossa geração, apaixonadamente dedicados à rejeição de todos os truísmos, a ridicularizar tudo o que fosse cliché ou frase feita, a afirmar a sua independência de espírito e a explorar as fronteiras da mente. O nosso jornal local, *The Herts Advertiser*, gabara-se do sucesso da escola quatro anos antes, com os nomes e as caras de todos eles escarrapachados em tudo o que era página. Enquanto eu estava prestes a embarcar na minha carreira universitária, eles praticamente já tinham terminado. Claro que eram muito diferentes dos meus amigos, e eu, uma rapariga de dezoito anos, inteligente mas normal, senti-me intimidada. Nenhum ocuparia o serão com danças tradicionais. Consciente da minha falta de sofisticação, instalei-me num canto o mais perto possível da lareira, com o pequeno Edward ao colo, e fiquei a ouvir as conversas, sem tentar participar. Algumas pessoas estavam sentadas, outras encostadas às paredes da grande e fria sala de jantar, onde a única fonte de calor era um fogão com um painel de vidro. A conversa era hesitante, constituída por piadas, nenhuma delas remotamente tão intelectual como eu esperava. A única parte de que me lembro não era uma piada, mas uma adivinha, sobre um homem em Nova Iorque que queria ir para o quinquagésimo andar de um edifício, mas só usava o elevador até ao quadragésimo sexto. Porquê? Porque a sua altura não lhe permitia chegar ao botão do quinquagésimo...

Só algum tempo depois voltei a ter notícias do Stephen. Estava ocupada em Londres a tirar um curso de secretariado num tipo revolucionário de estenografia, que usava o alfabeto em vez de caracteres e omitia todas as vogais. A princípio, eu corria todas as manhãs com o meu pai até à estação para apanhar o comboio das oito até que descobri que não precisava de estar tão cedo na escola em Oxford Street. Podia andar mais devagar do que o meu pai e, como tal, ia calmamente até à estação para apanhar o comboio das nove e encontrava pessoas diferentes da multidão apressada constituída por pais de família de meia-idade com os seus fatos escuros. Era raro passar-se um dia sem que me cruzasse com alguém conhecido – sem pressa, com roupa casual, de regresso à universidade depois de um fim de semana em casa, ou a caminho de Londres para uma entrevista. Era uma boa maneira de começar o dia porque, fora um pequeno intervalo para o almoço, passava o meu tempo numa sala, rodeada pelo barulho de máquinas de escrever antiquadas e pelas conversas de ex-debutantes cuja principal pretensão de distinção parecia ser o número de vezes que tinham sido convidadas para os Palácios de Buckingham, de Kensington ou para a Clarence House.

Aquela forma revolucionária de estenografia era fácil de aprender, mas a datilografia era um pesadelo. A estenografia fazia sentido porque me ia ser útil para tomar notas na universidade, mas escrever à máquina era demasiado cansativo e eu não tinha jeito nenhum, ainda tentava chegar às quarenta palavras por minuto quando o resto da turma já acabara o curso, incluindo as componentes adicionais da arte do secretariado. Na realidade, a estenografia viria a ser de pouca utilidade, enquanto a datilografia justificaria repetidamente o investimento feito.

Aos fins de semana, podia esquecer os horrores da datilografia e estar com as minhas amigas. Numa manhã de sábado em fevereiro, encontrei a Diana, que estudava enfermagem no St Thomas's Hospital, e a Elizabeth Chant, outra amiga da escola, que se preparava para ser professora primária, no nosso poiso favorito: o café da Greens', os únicos armazéns de St Albans. Falámos dos nossos cursos e depois começámos a conversar sobre amigos e conhecidos. De repente, a Diana perguntou: «Já sabem do Stephen?» «Oh, sim», respondeu a Elizabeth, «é terrível, não é?» Apercebi-me de que se referiam ao Stephen Hawking. «Estão a falar de quê?», perguntei. «Não sei de nada.» «Bem, parece que está no hospital há duas semanas, no Bart's acho, porque foi lá que o pai dele se formou, e a Mary também anda lá.» A Diana explicou: «Ele estava sempre a tropeçar e não conseguia apertar os atacadores.» Fez uma pausa. «Fizeram-lhe um monte de testes medonhos e descobriram que sofre de uma doença terrível, paralisante e sem cura. É parecida com esclerose múltipla, mas não é, e acham que só deve ter alguns anos de vida.»

Fiquei atordoada. Conhecera-o há pouco tempo e, ainda que excêntrico, gostava dele. Ambos parecíamos tímidos na presença de terceiros, mas confiantes connosco. Era impensável que alguém apenas alguns anos mais velho do que eu pudesse ser forçado a encarar a própria morte. A mortalidade não era um conceito que fizesse parte da nossa existência. Ainda éramos suficientemente novos para sermos imortais. «Como está ele?», perguntei, abalada com a notícia. «O Basil foi vê-lo», continuou a Diana, «e diz que está bastante deprimido: os testes são muito desagradáveis, e um rapaz de St Albans que se encontrava na cama à frente dele morreu há poucos dias.» Ela suspirou. «O Stephen insistiu em ficar na enfermaria, por causa dos princípios socialistas dele, e recusou o quarto particular que os pais queriam.» «Sabem qual é a causa da doença?», quis saber. «Não», respondeu a Diana. «Pensam que pode ter apanhado numa vacina contra a varíola dada com uma seringa não esterilizada, quando foi à Pérsia há alguns anos, o que introduziu o vírus na coluna, mas não há certezas, é apenas especulação.»

Voltei para casa em silêncio, a pensar no Stephen. A minha mãe reparou na minha preocupação. Não o conhecia, mas sabia quem era e que eu gostava dele. Eu tivera o cuidado de lhe dizer que ele era muito excêntrico, não fosse encontrá-lo e estar desprevenida. Com a segurança sensata da fé profunda que a aguentara durante a guerra, a doença terminal do meu avô e nas crises de depressão do meu pai, perguntou-me calmamente: «Porque não rezas por ele? Pode ser que ajude.»

Assim sendo, fiquei atônita quando, cerca de uma semana depois, estava eu à espera do comboio das nove, o Stephen surge no cais com uma mala de viagem castanha. Pareceu-me muito animado e contente por me ver. O seu aspeto era mais convencional e, na realidade, bastante mais atraente do que em ocasiões anteriores: a velha imagem que ele sem dúvida cultivara em Oxford – o laço, o casaco de veludo preto, até o cabelo comprido – dera lugar a uma gravata vermelha, uma gabardina bege e um corte de cabelo mais curto. Os nossos dois encontros anteriores tinham acontecido à noite, com pouca luz: a claridade do dia revelava um sorriso franco e uns olhos de um cinzento límpido. Por trás de uns óculos de coruja havia algo naquelas feições que me atraía, que me fazia lembrar, talvez subconscientemente, o meu herói de Norfolk, Lorde Nelson. Fomos juntos para Londres a conversar animadamente, ainda que mal tocássemos na questão da doença. Disse-lhe que ficara muito triste ao saber que ele estivera internado, ao que ele franziu o nariz e não respondeu. Portou-se como se tudo estivesse bem, e eu senti que seria cruel se insistisse no assunto. Ele estava de regresso a Cambridge, disse-me, e, ao aproximarmos-nos da Estação de St Pancras, acrescentou que ia muitas vezes a casa aos fins de semana. Perguntou-me se gostaria de ir com ele ao teatro. Claro que aceitei.

Encontrámo-nos numa sexta-feira à noite num restaurante italiano no Soho, o que já teria sido um programa excelente. Todavia, o Stephen também tinha bilhetes para o teatro, e o jantar teve de ser acabado um tanto à pressa para que pudéssemos atravessar para a outra margem e ir ao Old Vic, a tempo de uma interpretação de *Volpone*. Chegados ao teatro, mal tivemos tempo para largar as nossas coisas debaixo das cadeiras no fundo do camarote antes que a peça começasse. Os meus pais frequentavam o teatro com relativa frequência e, como tal, eu já tinha visto outra excelente peça de Jonson, *The Alchemist*, da qual gostara bastante; *Volpone* era tão boa como a anterior e não demorei a deixar-me absorver pelas intrigas do velho manhoso que queria testar a sinceridade dos seus herdeiros, mas cujos planos corriam muito mal.

Entusiasmados com a peça, ficámos a discuti-la depois na paragem do autocarro. Apareceu um vagabundo que perguntou educadamente ao Stephen se tinha alguns trocos. Ele levou a mão ao bolso e exclamou, embaraçado: «Peço desculpa, parece-me que não me sobrou nada!» O homem sorriu e olhou para mim. «Não faz mal, patrão», disse ele, piscando o olho na minha direção, «eu entendo.» Naquele momento, o autocarro chegou e entrámos. Quando nos sentávamos, o Stephen virou-se para mim e disse: «Lamento imenso, mas nem sequer tenho dinheiro para os bilhetes. Tu tens?» Sentindo-me culpada pelo que ele devia ter gastado com a nossa noite, acedi prontamente. O revisor aproximou-se e ficou à espera enquanto eu procurava a carteira no fundo da minha mala. A minha vergonha foi igual à do Stephen quando descobri que não a tinha. Saltámos do autocarro no semáforo seguinte e fizemos quase todo o caminho de regresso ao teatro a correr. A entrada principal estava fechada, mas o Stephen não desistiu, e fomos até à entrada dos artistas. Estava aberta e o corredor tinha a luz acesa. Entrámos, receosos, mas não encontramos ninguém. Chegados ao fundo do corredor, demos por nós no palco deserto mas ainda iluminado. Fascinados, atravessámo-lo em bicos de pés e descemos os degraus de acesso à plateia escurecida. Para alívio de ambos, descobrimos quase de imediato a carteira de cabedal verde debaixo da cadeira onde eu estivera sentada. Quando íamos voltar para o palco, as luzes apagaram-se e ficámos numa escuridão absoluta. «Segura a minha mão», disse o Stephen com firmeza. Assim fiz, sem me atrever a respirar, admirando-o em silêncio enquanto ele me levava até aos degraus para atravessarmos o palco, saindo depois pelo corredor. Felizmente, a porta ainda estava aberta e, quando chegámos à rua, desatámos às gargalhadas. Tínhamos estado no palco do Old Vic!